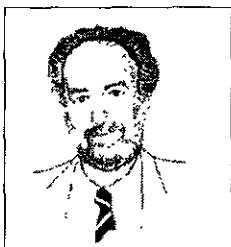


INSTITUTO  
 Documentação  
 FONTE: OESP (Espaço Aberto)  
 Data: 20/08/2003 Pg. 12  
 Class. 48

WASHINGTON NOVAES

## Uma política para o cerrado

**A** falta de transparência sobre a discussão que se processa no governo federal a respeito dos “novos” caminhos do desenvolvimento no Brasil tem levado alguns setores a vocalizar suas preocupações com alguns dos rumos projetados, especialmente o avanço da frente agropecuária na



**É preciso socorrer logo esse bioma, um dos mais ameaçados de extinção do planeta**

Amazônia. Tal avanço seria facilitado pela implantação de hidrovias – destinadas essencialmente ao escoamento de safras de grãos e de carnes exportáveis –, pavimentação de rodovias em áreas críticas para a conservação e criação de um “cinturão verde” de soja, milho e outras commodities na região noroeste amazônica, estas escoáveis pelo Pacífico.

Preocupante. E mais preocupante ainda quando se dá conta de que os avanços nessa direção trazem implícito grave problema que nem sequer está em discussão: projeta-se o avanço na Amazônia principalmente porque não há mais áreas consideráveis para esses avanços no cerrado.

E as conseqüências já são dramáticas. Segundo a Embrapa Monitoramento por Satélite, de Campinas, restam hoje, de fragmentos do cerrado com possibilidade de sobrevivência (acima de 2 mil hectares contínuos, porque em fragmentos pequenos e isolados, abaixo disso, definham cadeias genéticas e reprodutivas), menos de 5% do cerrado – isto é, menos de 100 mil quilômetros quadrados. Em quatro décadas, levou-se à posição de um dos mais ameaçados de extinção no planeta um bioma que tinha mais de 2 milhões de quilômetros quadrados, quase um quarto do território brasileiro.

O autor destas linhas acaba de ter a oportunidade de comprovar isso em longa via-

gem por sete unidades da Federação, gravando documentário para a TV Cultura, de São Paulo. Quase nada resta do cerrado originário do Centro-Oeste brasileiro. A reserva legal obrigatória, de 20% da área, é uma imensa ficção praticamente em toda parte. E, quanto mais recente a ocupação, maior a de-

vastação, graças a tecnologias mais modernas. Está-se promovendo, inclusive, a drenagem de áreas úmidas – como no entorno do Parque Nacional das Emas, no sudoeste goiano, por exemplo – para plantar grãos.

Ironia maior, o cerrado mineiro, magistralmente descrito por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, está reduzido hoje quase que só a um parque sitiado por culturas de grãos num município chamado Chapada Gaúcha, em homenagem aos agricultores que para lá levaram esse tipo de cultura.

Essa ocupação descuidada, devastadora, do cerrado está tendo e terá conseqüências muito graves, até mesmo e principalmente para a própria agropecuária. O cerrado do Centro-Oeste é o berço das águas brasileiras, que ali nascem e correm para as três grandes bacias – amazônica, platina e do São Francisco. Sob o cerrado está também o gigantesco Aquífero Guarani, que vai de Mato Grosso ao extremo sul do País. Todas as bacias hidrográficas estão em processo acelerado de degradação, por causa da forte erosão nas culturas de grãos, da poluição por agrotóxicos e de efluentes de criações. Nas áreas que não adotaram o plantio direto (e são imensa maioria), essa taxa de erosão – já se comentou aqui – chega a 10 quilos de solo perdidos por quilo de grãos produzido. A Agência Nacional de Águas (ANA) tem forte preo-

cupação com a contaminação dos aquíferos subterrâneos e sua depleção em certas áreas (como no oeste da Bahia, afetando a vazão dos rios que correm para o São Francisco).

O nível de desperdício de água na irrigação por pivôs centrais é espantoso: mais de 50%, que se evaporam ou contribuem para a erosão, incapazes de se infiltrar no solo compactado (um pivô central que irriga 100 hectares consome tanta água quanto uma cidade de 30 mil habitantes, segundo a ANA). Já existem métodos para reduzir fortemente esse consumo, como o do gotejamento, mas a quase totalidade dos produtores se recusa a adotá-los, sob o argumento de custos maiores. E convém lembrar que a agropecuária responde por mais de 80% do consumo de água no País.

Na pecuária, os levantamentos mais recentes da Embrapa Cerrado indicam que 70% das pastagens estão em algum nível de degradação. Ainda seria possível falar dos custos da mecanização intensiva e do êxodo rural na expansão caótica das cidades – mas já se comentou aqui em outros momentos.

Mais espantoso ainda é

lembrar os estudos da mesma Embrapa, segundo os quais se poderia dobrar, até triplicar, a produtividade nas lavouras do cerrado, com o uso de tecnologias mais modernas. Seria possível evitar a maior parte dos dramas da pecuária, com sistemas que promovessem a rotação culturas/pecuária. O nível de erosão do solo poderia ser extraordinariamente reduzido com a extensão do plantio direto.

Boa parte dos produtores, entretanto, tem raciocinado a prazo curto – calculando apenas a rentabilidade imediata do investimento em terras “baratas”. E para isso se conta sempre com a possibilidade de avanço da fronteira, quando do esgotamento do modelo em algum lugar. Para exportar grãos e carnes absorvendo custos ambientais e sociais que os importadores não pagam.

É preciso conceber e pôr em prática, com urgência, uma política para o cerrado. Que envolva o sistema de crédito e, por meio dele, impeça a continuação e expansão do sistema onde for predatório. Que torne realidade a ficção das reservas legais, fiscalize seu cumprimento, torne mais ágil a atuação do Ministério Público. Que crie e execute políticas públicas exigentes na área de recursos hídricos. Que tire a Embrapa – uma extraordinária usina e repositório de conhecimentos preciosos – da semifalência orçamentária em que se encontra.

Mais urgente que tudo, uma política capaz de salvar o que ainda for possível da rica biodiversidade do cerrado, cerca de um terço da biodiversidade brasileira. Já mora o futuro. Mas especialistas dizem que, para ter garantia, são necessárias reservas com mais de 100 mil hectares – e as três únicas foram criadas em 1961 por Juscelino Kubitschek. Ao todo, o cerrado só tem 3,7% do território protegidos.

O cerrado está pedindo socorro. Urgente.

